

economia

Exportações do RS somam US\$ 9,3 bilhões no 1º semestre, alta de 2,3%

Resultado foi puxado sobretudo por carne suína, cereais e máquinas de energia elétrica

/ COMÉRCIO EXTERIOR

As exportações do Rio Grande do Sul totalizaram US\$ 9,3 bilhões no primeiro semestre de 2025, o que representa um crescimento de 2,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. O desempenho foi impulsionado principalmente pelos embarques de carne suína, cereais e máquinas de energia elétrica. O resultado contrasta com a queda de 2,5% registrada nas vendas externas do Brasil no mesmo intervalo. As informações foram divulgadas pela comunicação do governo do Estado.

Os dados são do Departamento de Economia e Estatística, vinculado à Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (DEE/SPGG). O estudo, apresentado nesta quinta-feira, foi realizado pelos pesquisadores Ricardo Leães e Flávia Barbosa e mostra ainda que o Rio Grande do Sul ampliou sua participação relativa nas exportações nacionais - pas-

sando de 5,6% para 5,8%, na comparação com 2024.

O crescimento semestral foi impulsionado pelo desempenho do primeiro trimestre de 2025, que registrou alta de 12% na comparação com o mesmo período de 2024, compensando a queda de 6,2% no segundo trimestre. Já o valor exportado no acumulado do semestre é o quarto maior da série histórica para primeiros semestres desde 1997.

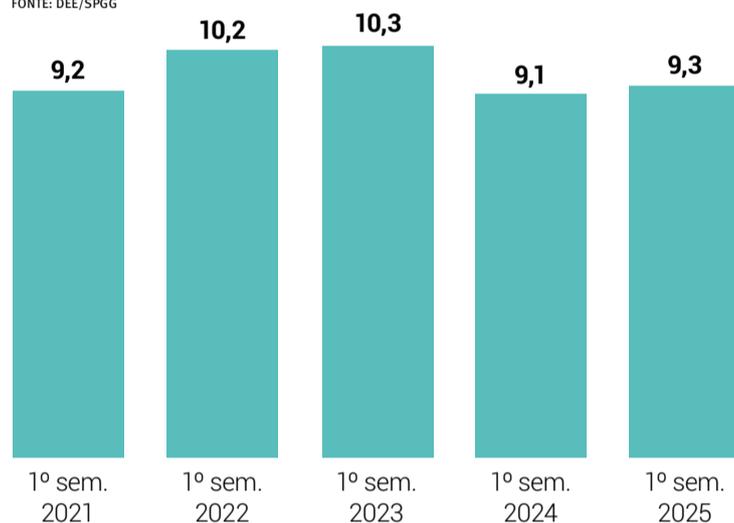
A retração nas vendas externas de soja em grão (-29,3%) foi compensada pelo crescimento de outros setores. Apresentaram aumento significativo as exportações de carne suína (35%), cereais (11,6%) e máquinas de energia elétrica (173,7%).

Outros segmentos que merecem destaque são a carne bovina (mais US\$ 50,9 milhões; 41,1%); veículos automotivos de passageiros (mais US\$ 49,7 milhões; 67%); e partes e acessórios dos veículos automotivos (mais US\$ 42,9 mi-

Exportações totais do Rio Grande do Sul – 1º semestre de 2021 a 2025

(em US\$ bilhões FOB)

FONTE: DEE/SPGG



lhões; 17,4%).

Em termos de destino, os principais foram China (15,8%), União Europeia (12,8%) e Estados Unidos (10,2%). Em termos absolutos, a Argentina foi o princi-

pal mercado em expansão, com mais US\$ 246,6 milhões em compras de produtos gaúchos, seguida por Indonésia (mais US\$ 235,1 milhões) e Arábia Saudita (mais US\$ 99,8 milhões).

Riscos e incertezas no cenário externo

A nota técnica do governo gaúcho aponta fatores conjunturais que podem influenciar as exportações do RS nos próximos meses. Entre eles estão o foco de gripe aviária em Montenegro, a valorização do real em comparação ao dólar e os desdobramentos da guerra entre Irã e Israel.

Esse último fator é relevante porque diversas mercadorias da pauta exportadora do Estado são sensíveis às variações no preço internacional do petróleo, como soja e derivados, carnes - especialmente de frango e suína -, produtos químicos, plásticos e calçados.

Além disso, o estudo destaca a possibilidade de aplicação de tarifas de até 50% pelos Estados Unidos sobre produtos brasileiros - mercado de destino relevante para setores como produtos florestais, fumo, máquinas e aparelhos elétricos do Rio Grande do Sul.

Nesse contexto, alguns segmentos exigem maior atenção: armas e munições, com 82,8% das exportações destinadas aos EUA; carne bovina (29,6%); calçados (24,8%); fumo e derivados (10,2%); e produtos florestais (20,8%).

Setor do alumínio estima prejuízo de R\$ 1,15 bilhão com tarifas dos Estados Unidos

A Associação Brasileira do Alumínio estima um prejuízo de R\$ 1,15 bilhão para o setor, a partir das sobretaxas aplicadas pelos Estados Unidos. De acordo com a entidade, a nova tarifa recíproca não será cumulativa à alíquota de 50% vigente desde junho.

O documento também estabelece uma lista de produtos isentos de ambas as medidas, entre os quais se destaca a alumina, insumo essencial para a produção de alumínio primário e outras aplicações industriais. Entretanto, ficaram de fora das exceções, e, portanto, estarão também sujeitas à sobretaxa, as exportações de bauxita, hidróxido de alumínio, óxido de alumínio e cimento aluminoso.

Em nota, a entidade ressalta que, embora a não cumulatividade seja um alívio parcial, os impactos diretos das medidas já são expressivos. Em 2024, os EUA foram o terceiro principal destino das exportações da indústria brasileira de alumínio, atrás ape-

nas de Canadá e Noruega, respondendo por 14,2% das vendas externas do setor, o equivalente a US\$ 773 milhões (cerca de R\$ 4,2 bilhões).

“Estima-se que cerca de um terço desse total esteja atualmente sujeito à sobretaxa de 50%, o que tornará inviável o acesso de vários produtos ao mercado americano. Somente no primeiro semestre de 2025, as exportações brasileiras de produtos de alumínio sujeitas à Seção 232 recuaram 28% em comparação com o mesmo período de 2024 - uma perda de US\$ 46 milhões (R\$ 350 milhões), já sob impacto das tarifas anteriores de 10% (vigentes até 12 de março) e de 25% (entre 12 de março e 3 de junho)”, diz a nota.

Conforme a entidade, a elevação para 50%, os prejuízos totais ao setor poderão alcançar US\$ 210 milhões (mais de R\$ 1,15 bilhão), considerando os efeitos diretos já contabilizados e as estimativas para até o final do ano.

Mesmo com a exclusão da

alumina das tarifas, a Abal alerta para efeitos indiretos relevantes sobre toda a cadeia de suprimento. Em 2024, o Brasil exportou cerca de 1,3 milhão de toneladas de alumina para os Estados Unidos, volume utilizado na produção de aproximadamente 90% do alumínio primário norte-americano.

O insumo também é exportado ao Canadá, responsável por 64% da transformação do alumínio primário canadense, metal que, por sua vez, abastece uma parcela importante da demanda industrial dos EUA. Considerando a integração produtiva entre os países, há risco de que os efeitos das tarifas se estendam a produtos não sobretaxados, devido aos desequilíbrios gerados em etapas distintas da cadeia. Para a entidade, o processo pode afetar o abastecimento, redirecionar fluxos comerciais e comprometer a previsibilidade de operações industriais nos três países.

A Abal também alerta para efeitos colaterais mais amplos,



Em 2024, EUA foram o terceiro destino da indústria brasileira de alumínio

com impactos sobre produção, investimentos e consumo. Outro reflexo importante diz respeito às alterações na dinâmica de arbitragem geradas pela tarifa de

50% sobre o alumínio primário, que têm tornado os preços da sucata de alumínio mais competitivos, impulsionando uma disputa global por esse insumo.